



A PRESENÇA DA LITERATURA JOANINA NA LITERATURA COPTA DE NAG HAMMADI

THE PRESENCE OF THE JOHANNINE LITERATURE IN THE NAG HAMMADI' COPTIC LITERATURE

*Gilvan Leite de Araujo**

RESUMO

A biblioteca copta de Nag Hammadi descoberta em 1945 contém alguns tratados que possuem forte contato com a Literatura Joanina. Entre elas, encontra-se o Apócrifo de João e o Protenoia Trimorfa. Estudos estão sendo realizados a fim de estabelecer qual é o contato entre estes tratados e o Quarto Evangelho. O objetivo desta pesquisa é apresentar os dois tratados e os primeiros contatos com o Evangelho de João.

PALAVRAS-CHAVE: Quarto Evangelho; Nag Hammadi, Apócrifo de João, Protenoia Trimorfa

ABSTRACT

The Coptic library of Nag Hammadi discovered in 1945 contains some treaties that have strong contact with the Johannine Literature. Among them is the Apocryphon of John and Trimorphic Protennoia. Studies are realized to establish what is the contact between these treaties and the Fourth Gospel. The aim of this research is to present the two treaties and their contacts with the Gospel of John.

KEYWORDS: Fourth Gospel; Nag Hammadi; Apocryphon of John; Trimorphic Protennoia

INTRODUÇÃO

Na história do cristianismo, o Evangelho de João tem sido alvo de especial atenção por parte dos movimentos gnósticos. Com a descoberta dos textos de Nag Hammadi em 1945

* Doutor em Teologia Bíblica pelo Angelicum de Roma e Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP. Sacerdote da Diocese de Osasco-SP. E-mail: glaraujo@pucsp.br.

e sua difusão por volta de 1970, a convicção de que o Quarto Evangelho era um texto gnóstico ou influenciado pelo gnosticismo veio à tona (WAHLDE, 2010, p. 222). Por outro lado, as descobertas dos manuscritos de Qumran em 1947 projetaram nova luz na compreensão do Evangelho de João. Neste sentido, as pesquisas atuais sobre o Quarto Evangelho são iluminadas pelos textos essênios de Qumran e pelos textos coptas de Nag Hammadi, suscitando não poucos debates. Brown, por exemplo, rejeita qualquer tipo de influência gnóstica, hermética, helenística ou extra-bíblica na composição do Quarto Evangelho, com exceção de uma possível relação, não direta, entre Fílon e João (BROWN, 2007, p. 22). Além do mais, para Brown, é possível que existam, no Evangelho de João, muito mais sobre a pessoa de Jesus e sobre a Palestina do seu tempo do que se admita, rejeitando assim, qualquer afirmação de que o Quarto Evangelho tenha perdido todo o contato com o mundo e a pessoa de Jesus (Brown 2007, p. 21). Contudo, o estudo sobre o Quarto Evangelho acaba transitando entre as raízes judaicas e o universo gnóstico.

Analisando a questão a partir dos textos coptas de Nag Hammadi evidencia-se uma forte relação entre o Apócrifo de João, o Protóevangelho de João e o Prólogo do Quarto Evangelho. Esta relação será objeto desta pesquisa.

O legado de texto apócrifos, muitos deles compostos, demonstra a liberdade e criatividade de elaboração, mesclando doutrinas, histórias e estilos literários no cristianismo primitivo. Apesar de ser regionalmente e temporalmente precisos, muitos estudiosos, romancistas e arqueólogos, tentam, nos tempos atuais, apresentar as obras e doutrinas de Nag Hammadi como normativo do cristianismo primitivo que teriam, por algum motivo, sido reprimidos.

Para entender o contato entre os escritos cristãos, em particular a Literatura Joanina, e os movimentos gnósticos a partir do século II da era cristã torna-se necessário a produção literária cristã e apócrifa deste período, evidenciando o ambiente no qual surgiram e a história da composição dos diversos textos.

Hills levanta as seguintes indagações quanto a relação entre a Literatura Joanina e os movimentos gnósticos: O que foi usado e quando foi usado do Quarto Evangelho pelos movimentos pelos gnósticos? Como os gnósticos usaram o Quarto Evangelho? Por exemplo, eles usaram todo o material ou partes favoritas da obra? Ele a usaram como Escritura? Qual o interesse deles neste Evangelho? Porque eles sentem proximidade com este Evangelho? Teria

sido a alta cristologia ou a pneumatologia o objeto de interesse dos gnósticos? Finalmente, Hill propõe, na sua obra “The Johannine Corpus in the Early Chrch”, evidenciar em que medida o uso do Quarto Evangelho tenha gerado ou não um sentimento de antipatia o de fobia no cristianismo ortodoxo (HILL, 2006, p. 205-206).

A Biblioteca de Nag Hammadi contém manuscritos em papiro do século IV d.C. e consiste em 12 códices, 8 páginas de um décimo terceiro e 52 tratados separados. Por causa das duplicações conta-se um número total de 45 títulos. Os textos, na sua maioria, são compostos e se encontram corroídos e fragmentados pelo processo histórico (ROBINSON, 2014, p. 17).

A Biblioteca fazia parte de um movimento inserido no contexto das tradições egípcias influenciada pelo helenismo. Além disso, percebe-se, pelos tratados, influência do pensamento judaico e cristão.

Autores, como Brown, sugerem uma das fases da comunidade joanina justamente em Alexandria. Diante disto, pode-se supor que o material joanino tenha influenciado o movimento, que será denominado por autores cristãos, setianos.

SETIANISMO

O movimento ou seita setiana está diretamente ligada à tradição de Nag Hammadi. As primeiras informações a respeito desta seita são provenientes de Irineu de Lion (*Adv. Haer.* 1.30), Hipólito de Roma, Epifânio de Salamina (*Panarion* 26;39-40), Filastro de Brescia (*Div.Her.Lib* 3) e Teodoreto de Chipre (*Haer.fab.comp.* 1.14), apesar de não existir referências históricas sobre esta seita (TURNER, 2010, p. 107). Este movimento sectário parece ter surgido por volta do século primeiro e perdurado até o quarto século da era cristã, apesar de que muitos estudiosos sugerem que os setianos sejam de origem judaica e que a sua origem seja anterior ao primeiro século. A denominação “setianos” parece que tenha sido usado pelos Padres da Igreja para designar certos grupos gnósticos que tinham como base, na sua literatura, a figura de Set (cf. Gn 4,25-26). Leva-se em conta que tais grupos nunca se autodenominaram setianos (TURNER, 2010, p. 107). Após a descoberta e publicação dos escritos copta de Nag Hammadi, a denominação setianos passou a designar os autores dos onze tratados de Nag Hammadi bem como os membros desta comunidade. De fato, muitos dos onze tratados fazem referências a um grupo especial que se autodenominam “Imperecível (ou santa) Semente” (Apoc. Adam), “A Grande Geração” (Apoc. Adam), “Estranhos” (Apoc. Adam), “Aqueles que são Dignos” (Apoc.

Adam), “A Imutável, Incorruptível Raça” (Gos. Eg.), “Semente (ou Filhos) do Grande Set” (Gos. Eg.), “Semente de Set” (Steles Seth), “Semente Perfeita (ou Imutável) Raça” (Steles Seth), “A Vivente Geração” (Melch.), “Os Filhos de Seth” (Melch.) e “A Santa Semente da Semente” (Marsanes) (Turner, 2010, p. 108).

Turner sugere que o movimento setiano tenha origem da fusão de dois grupos sectários anterior ao primeiro século da era cristã. O primeiro grupo seria o “*mutitudo gnosticorum*”, cuja teogonia e cosmogonia estão sumarizadas no *Adv. Haer.* 1.29 de Irineu de Lion, aos quais podem ser denominados “Barbeloides”. O segundo grupo, denominado por Turner como Pré-Setiano, consiste de exegetas judeus que buscaram reelaborar Gn 2-9 (TURNER, 2010, p. 108). No primeiro grupo, os Barbeloides tinham como marca principal as práticas de rituais de batismo por imersão que resultava numa experiência de visão transcendental, iluminação e salvação. Este rito chamado de cinco selos, era um instrumento de salvação conferido por Barbelo, a Mãe Universal e Primeiro Pensamento do supremo Espírito Invisível. Junto com o seu autogerado Filho, o Espírito Invisível e Barbelo formavam a suprema Trindade do Pai, Mãe e Filho. Este Filho estabeleceu quatro Luzes Angélicas, uma a quem, talvez agia através da ação de Sophia, tornou-se responsável pela criação do mundo criado a quem veio a tomar posse de uma porção luz-poder da suprema Mãe Divina, através do qual ele modelou o cosmo físico, bem como o protoplasmático humano ao qual se tornou receptáculo da divina luz. Tentando recuperar a sua luz-poder do mundo criado, a Mãe empreende uma série de três descidas ao mundo inferior, sendo que na última ela confere o batismo de cinco selos permitindo aos seus membros decaídos serem reintegrados ao mundo divino. Este princípio das três descidas de Barbeloide encontra-se, principalmente, no Apócrifo de João (II 30,11-31,27) e forma a estrutura do Protenoia Trimorfa (TURNER, 2010, p. 108-109). O segundo grupo, formado por exegetas judeus anteriores ao cristianismo, elaboram um pensamento da origem do mundo através do conceito de iluminamento da humanidade como obra da Sophia, a Divina Sabedoria.

O ponto focal desta interpretação era a radical diferenciação entre o Altíssimo Deus e a inferioridade do mundo criado. Estes exegetas, a quem Irineu apenas chama de “*outros*” (*alii*) e que passam a serem chamados de “Setianos” ou “Ofitas” por Teodoreto, tinham construído um intrincado cosmogônico, antropogênico e soteriológico mito baseado numa interpretação do Livro do Gênesis (TURNER, 2010, 109). Neste, o mal é personificado num super-humano e demoníaco ser, de onde estes autores concluem que a reivindicação de Moisés

que o mal se originou da desobediência do protoplasta ao Criador pode ser uma mentira imposta sobre ele pelo Criador e, por isso, Moisés e os Profetas eram servos de uma maligna enganadora criatura chamada Yaldabaoth (TURNER, 2010, p. 109).

Durante a primeira metade do segundo século os Barbelóides se uniram a certos grupos cristãos através da prática do batismo, no qual passam a identificar o pré-existente Jesus Cristo com o Autogênese Filho do seu supremo Pai e Mãe. Este Filho era o autogerado que tinha sido ungido pelo Espírito Invisível com sua própria bondade. Na mesma linha, Jesus, a quem o Evangelho de Marcos tinha recebido a filiação divina durante o batismo e era identificado como o divino Logos no Evangelho de João, passa a ser visto como a terrena e masculina aparência no qual Barbelo tinha recentemente aparecido como o divino Logos para conferir o batismo de salvação na comunidade barbeloide (TURNER, 2010, p. 110).

Possivelmente, durante o segundo século tenha surgido um peculiar interesse pela figura de Set como um paradigma das pessoas que eram restauradas à imagem primordial, que tinha sido perdida em Caim e Abel. O Gnosticismo Setiano refletido nos escritos Nag Hammadi surge da fusão dos barbeloide cristianizados com os revisionistas do Gênesis, que enfatizavam a figura primordial de Set e se consideravam a sua semente. Pode ter sido estes gnósticos cristãos setianos que combinaram a teogonia barbeloide e o batismo de salvação com a antropogênese setita presente no Apócrifo de João (TURNER, 2010, p. 111).

APÓCRIFO DE JOÃO

O Apócrifo de João é um longo diálogo entre João, filho de Zebedeu, e Jesus Ressuscitado. O conteúdo doutrinário não possui proximidade direta com a Literatura Joanina. Na realidade, o tratado apresenta Jesus se revelando a Zebedeu após a ressurreição (TURNER, 2010, p. 112). O tratado oferece uma clara descrição sobre a criação, a queda e a salvação da humanidade (WISSE, 2014, p. 99). O Apócrifo de João, através do monólogo de Pronoia, busca fornecer respostas a duas questões básicas: primeira, qual é a origem do mal e, segunda, como escapar de um mundo malévolos para a nossa casa celestial? (WISSE, 2014, p. 99)

As referências à João nos capítulos 1, 2, 3, 4, 5 e 10 do Quarto Evangelho são entendidas pelo autor do Apócrifo, como referências à João, Filho de Zebedeu, a quem o tratado reconhece como o Batista, a Luz que veio ao mundo (TURNER, 2010, p. 112).

O tratado parece ter suas raízes num tipo de especulação heterodoxa judaica sobre a figura de Sophia, a Divina Sabedoria da Bíblia Hebraica. No gnosticismo Setiano, a função bíblica de Sophia, como criador, provedor e iluminador do mundo foram atribuídos à uma hierarquia de princípios femininos: 1) a Divina Mãe chamada Pronóia ou Barbelo, o Primeiro Pensamento da Suprema Divindade, o Espírito Invisível; 2) Epinóia, reflexo terreno de Barbelo no Paraíso Primordial, o qual apareceu à Adão como a Eva Espiritual e 3) uma Sophia menor, responsável pela criação do mundo físico e a encarnação das porções da essência da Mãe Divina no corpo humano (TURNER, 2010, p. 112-113). A salvação era adquirida pela Mãe através da reintegração da sua própria essência dissipada retornando a sua unidade original (TURNER, 2010, p. 113).

O MONÓLOGO DE PRONOIA NO APÓCRIFO DE JOÃO

O Apócrifo de João coloca o Monólogo de Pronoia na boca de Jesus. Contudo, o Monólogo, em estilo hínico, não possui conteúdo cristão e se parece mais como produto da especulação da sabedoria judaica helenística (TURNER, 2010, p. 113).

Na auto-apresentação da transcendente pré-existente Pronoia ecoa a imagem da divina sabedoria da literatura sapiencial judaica. Como a onipresente criadora de tudo, Pronoia toma forma na sua “semente”, que é fragmento da sua espiritual substância contida na pessoa humana que habitam o mundo inferior, concedendo-lhe luz, conhecimento e memória da sua origem divina (TURNER, 2010, p. 115).

No Apócrifo de João a queda ocorre quando Sophia deseja criar um ser sem a aprovação do grande Espírito ou de sua consorte. Consequentemente, ela cria Yaldabaoth, o monstruoso criador-deus, que possui ainda um pouco do poder de luz de sua mãe. Yaldabaoth cria os anjos para governar o mundo e ajudar na criação do homem. O próprio homem é moldado através da imagem perfeita do Pai, que estava espelhada sobre as águas. O homem ganha vida quando Yaldabaoth usa de astúcia soprando o seu poder sobre ele. O resultado disto é o início da disputa entre os poderes da luz e os poderes das trevas pela posse das partículas divinas do homem. Os poderes do mal colocam o homem num corpo material a fim de mantê-lo aprisionado e criam a mulher e o desejo sexual para que as partículas divinas fossem espalhadas. Finalmente Cristo é enviado para recordar a humanidade da sua origem divina e

poder salva-los. Os que possuem o conhecimento podem retornar à luz, enquanto os demais devem se reencarnar até alcançarem o conhecimento (WISSE, 2014, p. 99-100).

O Monólogo descreve três descidas de Pronoia ao mundo inferior a fim de reintegrar a sua unidade original. Estas três descidas são três intervenções da Mãe Barbelo que descrevem as fases da história da salvação narrada no Apócrifo (TURNER, 2010, p. 114).

1ª Descida de Pronoia (II 30,16-21)

Na principal narrativa do Apócrifo, a primeira descida de Pronoia ocorre em resposta ao arrependimento de Sophia por ter trazido Yaldabaoth, o criador e o regente do mundo inferior. Como uma correção do ato abortivo de Sophia, Pronoia manifesta, ela mesma, como o arquétipo humano e imagem do Espírito Invisível sobre as águas inferiores (TURNER, 2010, p. 115-116).

2ª Descida de Pronoia (II 30,21-32)

A segunda descida corresponde ao principal episódio da narrativa anterior da aparição da Epinoia Luminosa (II 22,28-23,35; 24,9-17) escondida no protoplasmático Adão com sua verdadeira imagem, para despertá-lo do seu profundo sono das trevas que permanecia sobre ele quando o primeiro governante tinha extraído Eva do seu lado e moldado uma figura humana (TURNER, 2010, p. 116-117). Epinoia é, portanto, a espiritual Eva, vida e mãe dos viventes, bem como a Árvore do Conhecimento, despertando o pensamento de Adão e Eva (cf. II 22,28-23,35) (TURNER, 2010, p. 116-117).

Tal qual o advento de Pronoia, a chegada de Epinoia à Adão ecoa o Prólogo Joanino (cf. Jo 1,1-18) quando anuncia a chegada da luz ao mundo (cf. Jo 1,5). Assim como as trevas não conseguiram dominar a Luz (cf. Jo 1,5), do mesmo modo, Yaldabaoth, o regente das trevas, não foi capaz de dominar a luminosa Epinoia, como se ela fosse um objeto físico como a costela de Adão (cf. Gn 2,21-22).

3ª Descida de Pronoia (II 30,32-31,25)

A última salvífica descida de Pronoia, apesar das fracassadas descidas anteriores, por causa dos seus seguidores mal preparados e evitando o colapso do cosmo material, resulta

na salvação final dos seus membros decaídos para elevá-los da sua prisão cósmica por meio do batismo dos cinco selos (TURNER, 2010, p. 118).

Na sua terceira descida ao mundo inferior, Pronoia-Cristo, como Unigênito do Espírito Invisível, entrou no meio de suas prisões, que é a prisão do seu corpo (II 31,3-4) (TURNER, 2010, p. 119). A terceira descida de Pronoia é equiparada narrativamente com o Cristo do Evangelho de João. Assim como Pronoia desperta e fortalece os que dormem quando traz conhecimento, assim também, Cristo vem responder às dúvidas de João, dando, à ele, a completa revelação do verdadeiro conhecimento na forma do inteiro Apócrifo (cf. II 31,25-31).

PROTENÓIA TRIMORFA

A Protenoia Trimorfa ou “As três formas do Primeiro Pensamento” é um tratado Barbelóide que sofreu elaborações setianas e cristãs, contemporânea ao Apócrifo de João e que seja dependente do Evangelho de João (HILL, 2006, p. 243). O tratado possui afinidade diretas com o Prólogo do Quarto Evangelho, como por exemplo, o uso de “Logos” e “Eu Sou” (HILL, 2006, p. 242). O tratado é visivelmente uma tradição do grego para o copta (POIRIER, 2010, p. 93).

O tratado é dividido em três seções e cada uma delas é identificada com o subtítulo “O discurso de Protenoia” (42,3), “Sobre o Destino” (46,4) e “O Discurso da Aparição” (50,21) (POIRIER, 2010, p. 93). Nela, Protenoia recita aretologias sobre a sua identidade divina e o seu papel na criação e salvação do mundo. Na aretologia introdutória (35,1-32) Protenoia se identifica como o Primeiro Pensamento divino, seguida por três aretologias similares: Primeiro: a Protenoia é a Voz do Primeiro Pensamento que primeiro desceu como luz na escuridão para dar forma aos seus membros que haviam caído (35,32-36,27; 40,29-41,1). Segundo: a Protenoia é a Linguagem do Pensamento que primeiro desceu para dar poder aos seus membros caídos, oferecendo-lhes espírito ou respiração (42,4-27; 45,2-12; 45,21-46,3). Terceiro: a Protenoia é a Palavra ou Logos do Pensamento que desce na semelhança dos poderes, assume uma aparência humana, introduz o ritual batismal iluminador dos Cinco Selos e restaura seus membros à luz (46,5-6; 47,5-22; 49,15-22; 50,9-12,18-20) (TURNER, 2014, p. 432).

O esquema das três descidas do Primeiro Pensamento divino ao mundo é um fruto de uma reelaboração barbelóide que interpreta as três descidas revelatórias: a primeira, nos termos de uma tríade divina primordial do Pai, Mãe e Filho; a segunda, nos termos de uma

teoria de revelação progressiva na qual cada aparição sucessiva do revelador é caracterizada por um grau crescente de capacidade de articulação e finalidade (Voz, Linguagem e Palavra) e; terceira, a associação da descida final coma figura do Logos que confere a iluminação final na forma de um ritual de batismo transcendentalizado, chamado Cinco Selos (TURNER, 2014, p. 433).

O tratado foi, posteriormente, cristianizado, identificando o Filho Autógeno com o Cristo (37,[31]; 38,22; 39,6-7). A terceira descida narra a descida incógnita de Protenoia como uma Palavra disfarçada na forma de soberanias, poderes e anjos, culminando na revelação final de si mesma na forma humana dos seus seres inferiores. Contudo, esta terceira descida passou por um processo de cristianização. Desta forma, os títulos cristológicos como Cristo, Bem-Aventurado, Filho de Deus e Filho do Homem foram interpretados de forma docética. Com isto, Jesus é mostrado como o Cristo dos arcontes malévolos; o bem-aventurado é o bem-aventurado dos arcontes; o Filho de Deus é o filho do criador ignorante do mundo; e o Filho do Homem é apenas o filho de um ser humano entre os filhos dos homens (TURNER, 2014, p. 433).

CONCLUSÃO

O Apócrifo de João e o Protenoia Trimorfa possuem semelhanças com o Prólogo do Quarto Evangelho. Além do mais, a relação entre O Apócrifo e o Protenoia encontra-se no tema das três descidas. O tema principal é a relação entre o Logos Joanino e o Logos gnóstico.

Tem-se a nítida impressão de que os elementos do Prólogo do Quarto Evangelho servem de base para a construção do Protenoia Trimorfa e do Apócrifo de João. Contudo, leva-se em conta que os contextos permanecem incerto, ou seja, não é claro qual seria a intenção do hagiógrafo final da obra. Por outro lado, parece que o hagiógrafo do Protenoia Trimorfa deseja convencer o leitor que o Logos-Protenoia é superior ao Logos encarnado do Quarto Evangelho (POIRIER, 2010, p. 101). Esta intenção pode ser percebida em 46,14-15: “eu sozinha serei a Palavra, inefável, pura, incomensurável e inconcebível”, diverso do Logos Joanino que é apresentado como uma figura inferior, conforme se pode notar em 50,12-15: “Quanto a mim, eu visto Jesus. Eu o sustentei da Madeira amaldiçoada...” (POIRIER, 2010, p. 101).

Colpe foi o primeiro estudioso a observar a proximidade entre o Prólogo do Evangelho de João e o Protenoia Trimorfa (POIRIER, 2010, p. 99). Contudo, questiona Poirier, o uso do Prólogo Joanino pelo Protenoia Trimorfa pode ser explicado pela sua dependência do

hino final do Apócrifo de João? E a resposta é negativa, principalmente porque não existe óbvio contato com o Prólogo Joanino (POIRIER, 2010, p. 101).

O hino é construído em duas fases: primeiro, combinado as três partes da tríade Pai, Mãe e Filho proveniente do Apócrifo de João e; segundo, usando a tríade voz, linguagem e palavra da especulação da época. Identificando o Filho com a Palavra, o hagiógrafo estabelece uma polemica reinterpretação do Prólogo de João (POIRIER, 2010, p. 94). Poirier questiona se o Protenoia Trimorfa tenha tomado os elementos do hino final do Apócrifo de João ou se os dois tratados tenham usado a mesma fonte. A sua conclusão é de que o Protenoia Trimorfa dependa diretamente do Apócrifo de João (POIRIER, 2010, p. 96).

No Protenoia Trimorfa e no Apócrifo de João a salvação é trazida por Pronoia/Protennoia na sua terceira descida de forma ritual, ou seja, como iluminação conferida através do rito batismal dos cinco selos. Embora o Prólogo Joanino aparentemente não contenha uma explícita referência a um batismo ritual, a vinda do Logos na carne, no entanto, permite que os fiéis ver a glória do Logos que, sozinho, vê o Pai. Pode ser que este ato de ver está de alguma forma relacionada a uma forma de batismo? No Prólogo Joanino os vv. 6-8 e 15 estabelece Jesus anterior a João Batista, como a verdadeira luz e Logos que veio ao mundo, enquanto João surge como mera testemunha. Além do mais, o evangelista, em 1,19-37, João é aquele que reconhece Jesus por ter visto o Espírito descer sobre ele, praticamente desconsiderando o batismo de Jesus por João presente nos sinóticos e apresentando Jesus como o Cristo superior a Elias, ao Profeta (= Moisés). Neste sentido, o batismo praticado por João é superado pelo batismo no Espírito que será praticado por Jesus, naqueles que nele crerem.

Jesus Cristo surge como o pleno articulado Logos que anuncia as palavras da vida eterna (Jo 6,68), enquanto João Batista é apenas a voz que grita no deserto (Jo 1,23). O Quarto Evangelho parece fazer uma distinção entre voz e palavra. A relação entre palavra e voz é tomado pelo Protenoia Trimorfa, onde o Primeiro Pensamento do Espírito Invisível se revela no decorrer da história: primeiro, uma pura, mas não totalmente articulada Voz, que de alguma forma fortalece os membros de Protenoia; secundo, melhor articulada Linguagem e, terceiro, plena e articulada Palavra (Logos) que surge na forma humana. Esta estrutura é apresentada no Apócrifo de João da seguinte forma: primeiro, a aparição do Primeiro Pensamento ocorre com a revelação de Barbelo ao Archon criador do homem (II 14,13-15); a segunda aparição se dá na forma da feminina Linguagem da Voz, paralela à aparição de Epinoia como a Eva espiritual,

que revela à Adão a sua verdadeira forma (II 20,14-28; 22,28-23,35). A terceira aparição como a masculina e plenamente articulada Palavra (Logos) iluminador através do rito batismal setiano dos cinco selos. Leva-se em conta que tanto o Quarto Evangelho como o Protenoia Trimorfa claramente associam o Logos com a final e definitiva revelação. Enquanto o Quarto Evangelho distribui as funções de Voz e Palavra à figuras distintas, o Protenoia Trimorfa atribui a um único ser transcendental, ou seja, Protenoia: ela não é somente a Voz que faz surgir o Cristo celestial quem estabeleceu as quatro luzes e a Linguagem que confunde os Archons, como ela anuncia o impedimento final do seu regime, mas ela é também a Palavra (Logos) que desce para resgatar o Jesus terreno da cruz e o elevar para o seu lugar na luz.

Um elemento particular a ser destacado nesta conclusão é sobre a origem do movimento gnóstico. Frequentemente os estudiosos situam o movimento gnóstico a partir do segundo século da era cristã. Contudo, os textos de Nag Hammadi evidenciam influência heterodoxa proveniente do universo judaico (alexandrino?). Segundo Robinson, o gnosticismo começou a emergir dentro do cristianismo e do neoplatonismo (ROBINSON, 2014, p. 17). O autor prossegue comentando que existe um debate persistente entre os historiadores de religião que questiona se o Gnosticismo é algo para ser entendido apenas como um desenvolvimento interno cristão, ou como um movimento mais abrangente e, portanto, independente, que talvez anteceda o Cristianismo. De fato, alguns textos de biblioteca de Nag Hammadi parecem apoiar-se em textos do Antigo Testamento, o que sugere que existiam correntes dentro judaísmo de linha heterodoxa (ROBINSON, 2014, p. 21). O movimento Setiano deixa transparecer um gnosticismo não-Cristão. Assim, segundo Robinson, alguns tratados de Nag Hammadi derivam de um Gnosticismo “judaico”, sendo que alguns deles receberam influência cristã posterior (ROBINSON, 2014, p. 23).

REFERÊNCIAS

- BROWN, Raymond E. **Introduzione al Vangelo di Giovanni**. Queriniana: Brescia 2007.
- HILL, Charles E. **The Johannine Corpus in the Early Church**. Oxford University Press: Oxford 2006.
- POIRIER, Paul-Hubert. The Trimorphic Protennoia (NHC XIII,1) and the Johannine Prologue: A reconsideration. In: RASIMUS, Tuomas. **The Legacy of John**, second-century reception of the Fourth Gospel. Brill: Leiden-Boston 2010.
- ROBINSON, James M. **A Biblioteca de Nag Hammadi**. Madras: São Paulo 2014.

TURNER, John D. Protenoia Trimorfa (XIII,1). In: ROBINSON, James M. **A Biblioteca de Nag Hammadi**. Madras: São Paulo 2014.

_____. The Johannine Legacy: The Gospel and the Apocryphon of John. In: **The Legacy of John**, second-century reception of the Fourth Gospel. Brill: Leiden-Boston 2010.

WAHLDE, Urban C. von. The Johannine Literature and Gnosticism: New Light on their Relationship? In: WALTERS, Patricia. **From Judaism to Christianity**: Tradition and Transition. Brill: Leiden-Boston 2010.

WISSE, Frederik. O Apócrifo de João (II,1, III,1 IV,1 e BG 8502,2). In: ROBINSON, James M. **A Biblioteca de Nag Hammadi**. Madras: São Paulo 2014.